



UMA INFÂNCIA AMEAÇADA NA ALEMANHA NAZISTA

Geferson Santana¹

O menino do pijama listrado. Diretor Mark Herman, EUA, 2008.

A história baseada no romance *O menino do pijama listrado* (2006) de John Boyne, romancista irlandês, publicado pela Companhia das Letras, no Brasil, em 2009, é trazida como enredo na produção cinematográfica dirigida por Mark Herman, e que tem como foco central a vida do menino alemão, Bruno, oito anos, residente na cidade de Berlin com seu pai Ralf, mãe e irmã mais velha Gretel.

Bruno e seus amigos correm pelas ruas da cidade Berlin de braços abertos aludindo à imagem do avião, e nos fazendo esquecer que a Alemanha está em pé de guerra com o mundo. Na sequência da mesma cena, os meninos passam em frente a um prédio onde estava acontecendo uma desocupação dos judeus sob a mira dos soldados alemães, embora com a presença das armas, representando uma ação com efeitos meramente pacíficos. A questão é que assim se inicia a primeira cena da película, *O menino do pijama listrado*, que retrata um dos aspectos pouco abordados pela historiografia nacional e estrangeira: as condições configuradas pela Segunda Guerra Mundial no cotidiano das crianças.

O enredo ganha vida quando Bruno é informado pela mãe sobre a promoção do pai a *herr comandante*, um cargo importante num campo de concentração da zona rural da Alemanha. A transferência da família do comandante nazista para o ambiente onde se encontravam os prisioneiros judeus acaba fazendo com que o menino alemão deixe para trás seus amigos de infância Daniel, Karl e Martin, e tenha contato direto com os efeitos da perseguição aos judeus e do movimento fascista alemão.

¹ Mestrando em História e Historiografia pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e sob o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Correio eletrônico: gefsdj@hotmail.com. A presente proposta de resenha tem a intenção de fugir do modelo padrão, onde os autores tendem a primeiro apresentar a película e depois fazer a análise crítica. Optamos pela apresentação da análise crítica ao longo do processo de apresentação da obra, e assim facilitar a leitura dos leitores da comunidade acadêmica e escolar.

No momento da chegada do comandante e sua família na casa nova, militares o aguardavam para uma reunião na sala do escritório. O contato inicial foi marcado pelo estranhamento, principalmente por parte de Gretel que subiu correndo pela escada que dá acesso aos quartos. Logo mais, Bruno em seu quarto desfazendo a mala com a governanta Maria, questiona sobre o que achou da casa. Ela afirma que não caberia dar opinião, mas fala da necessidade de se esforçarem para dar a casa um aspecto familiar. Essa fala representa o quanto a família de Bruno se descaracterizou com a nova situação que foi submetida, reforçada pela expressão de saudosismo da governanta.

Tomado pela curiosidade de explorador, ao olhar pela janela do quarto, Bruno vê um pouco distante o campo de concentração, que se condicionou a chamar de *fazenda*, por não saber do que se tratava exatamente aquilo. Questiona a mãe sobre a possibilidade de brincar com as crianças da fazenda, ela retruca perguntando sobre a quais crianças estava se referindo, mas ao entrar Pavel, judeu velho e cansado, na cozinha para entregar as frutas num pequeno balaio, ela de imediato toma conhecimento da realidade. A mãe de Bruno não sabia que a nova casa dava acesso ao campo de concentração, e briga com o pai do menino por ter escondido aquilo dela.

Bruno se encontrava na área grande, na frente da casa, e como na cena inicial da película estava brincando de avião, só que agora sem os amigos de Berlin. Ao olhar mais fixamente para os lados, vê uma porta que dá acesso ao galpão. Bruno atravessa a porta, mas é surpreendido pela mãe. Ela exige seu retorno para dentro de casa e pensa em algo para o menino fazer. A impressão que temos, é que ela tinha medo do que os judeus poderiam fazer com Bruno, caso fosse surpreendido por algum fora dos muros da casa que moravam. Ou mesmo, pela forma como olhava em direção ao lugar onde fica o campo de concentração, tinha medo do filho presenciar alguma cena de agressão que marcasse sua memória.

Ao observar Kotler, jovem tenente alemão, e Gretel conversando, Bruno cria a iniciativa de pedir ao tenente um estepe velho, com objetivo de criar um balanço e visitar o galpão. No filme temos a impressão de que Bruno sabia que as coisas velhas eram guardadas em algum lugar na parte dos fundos, já que não existia outro espaço na casa para isso. Kotler grosseiramente chama Pavel para ir junto com Bruno até os fundos buscar o estepe. Lá o menino se depara com mais uma janela que atíça ainda mais sua curiosidade.

O pai do menino alemão, pensando na vida acadêmica dos filhos contrata herr Liszt como professor. Ele era apaixonado pela História, em especial sobre os assuntos da história recente do país. Herr Liszt, ao perceber o interesse de Bruno pelos livros de aventura, e considerando a sua idade, entrega nas mãos do menino um livro de História. A proposta era a politização do garoto e de sua irmã adolescente, afim de que

incorporassem e entendessem a proposta do governo ditatorial de Adolf Hitler, e sua missão de eliminar os judeus para a felicidade do planeta e da raça ariana. Nas aulas de Liszt temos uma pequena prévia do tipo de formação que as crianças tiveram na Alemanha, e atíça nossa imaginação para vários questionamentos sobre a formação desses indivíduos, numa sociedade marcada pelo sistema totalitário do governo nazifascista².

As aulas do professor não geraram muito impacto no comportamento de Bruno, até porque ele não prestava atenção ou entendia. Mas, existem duas cenas no filme que demonstram os efeitos psicológicos que as aulas de Liszt acabaram causando em Gretel. A primeira é quando Bruno encontra suas bonecas no porão da casa, e vai a seu encontro para falar da descoberta tomando um susto com os cartazes na parede. A segunda é quando a mãe entra no quarto da filha e vê os mesmos cartazes e imagens de jornais referentes às investidas nazistas na imprensa sobre sua proposta de governo. Essa postura do professor de ensinar algumas coisas que os meninos ainda não estavam preparados para entender, acabou ceifando a fase de imaginação, aventura, liberdade e descoberta de Gretel, que estava vivendo a adolescência. Creio que esta lição, seja importante na docência do mundo contemporânea, ao mostrar para o professor os tipos de cuidados que precisa tomar com as temáticas e discursos em sala de aula, pois não podemos esquecer que os professores são formadores de opiniões.

Bruno viveu muito mais a fase de descoberta e aventura da infância, do que Gretel da adolescência, mesmo com as características trágicas dos eventos. Sentado no balanço lendo o livro de História que tinha a função de tirá-lo do mundo da imaginação, o menino percebe que o pátio está sem a presença dos soldados, e que aquele momento era a chance que esperava para explorar o mundo externo aos muros e grades da casa. Atravessa a porta que dá acesso aos fundos, e utilizando a janela do galpão inicia sua exploração. A cena deixa claro o sentimento de liberdade que Bruno sentia falta, de quando morava em Berlin. Brincando entre as folhagens da pequena mata, e atravessando os pequenos córregos ali presentes, acaba se deparando com a cerca do campo de concentração. Ao se aproximar, Bruno vê um menino de cabeça baixa. Ao levantar a cabeça, o pequeno judeu toma um susto e olha para ver se os soldados os observavam. Bruno se apresenta e pergunta nome e idade, o menino retruca dizendo que se chamava Shmuel, e tinha oito anos.

Shmuel é chamado para o trabalho, sai às carreiras com um carro de mão, e se despedindo de Bruno. Ele retorna à cerca do campo para encontrar o novo amigo judeu, mas não tem êxito. Nas novas tentativas ele encontra Shmuel, e começa a crescer um

² Ver em ARENDT, Hannah. As origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

laço de afetividade que vai se estreitando a cada dia. Bruno sempre confuso, pergunta ao menino judeu porque vestiam pijamas, ele retruca dizendo que não eram pijamas e que usavam aquelas roupas, porque os soldados queimaram as suas roupas e dos demais. Dando prosseguimento à conversa, Bruno pergunta sobre a chaminé e sua funcionalidade, e Shmuel responde que não sabia para que servia, apenas afirmou que não podiam ir lá, dizendo que a mãe havia dito que se tratava de um lugar onde se queimavam roupas velhas. Essa passagem é uma das riquezas da película. Acaba passando os tipos de estratégias que os pais dos meninos judeus criavam para mascarar a realidade e torná-la menos dolorosa para as crianças judias³. O mesmo acontecia com a mãe do menino alemão, pois ela tomava todos os cuidados para deixá-lo distante dos horrores da guerra.

No final da conversa, Bruno pergunta sobre a existência da cerca, e Shmuel fala que servia para evitar a fuga das pessoas. Bruno pergunta o que ele teria feito para isso, e Shmuel responde com ar de tristeza que era judeu. Bruno levanta com ar de espanto e fala que tem que ir para casa. Está cena é muito importante no filme. Embora, Bruno estivesse sempre confuso, sabia de alguma coisa referente aos judeus, afinal de contas tinha aula de História. Na aula de Liszt, onde os judeus são apresentados como pessoas ruins e causa da ruína da nação alemã, o menino pergunta ao professor sobre a existência de judeus bonzinhos, e ele retruca dizendo que se ele encontrar um judeu bonzinho seria o maior explorador do mundo. Essa afirmativa despertou ainda mais o interesse de Bruno por Shmuel.

Durante meses Bruno e Shmuel se encontram, conversam e brincam, embora separados pela cerca elétrica. Num belo dia, ele encontra Shmuel, na sala da sua casa limpando objetos de cristais. Ao mesmo tempo em que conversavam Shmuel explicava que as taças exigem mãos finas para a limpeza eficaz dos objetos. Enquanto escutava, o menino alemão olhava para a mesa e visualizou alguns salgados e ofereceu ao menino judeu, mas o soldado Kotler entra na sala, vê o menino judeu comendo e pergunta se havia roubado. Shmuel tenta explicar que foi o amigo Bruno que havia lhe ofertado, mas Bruno nega ao ser interrogado pelo tenente.

Depois desse episódio, Bruno vai ao encontro de Shmuel que estava com os olhos machucados pelas agressões cometidas por Kotler. Apesar da incidência, Bruno pergunta da possibilidade de continuarem amigos, e o menino judeu afirmou que sim, demonstrando a pureza do personagem. O contato com o menino judeu foi determinante na confusão mental de Bruno, e ao mesmo tempo serviu de motivo para a aproximação dos dois.

³ Ver mesmo aspecto no filme *"A vida é bela"* (1997), dirigido por Roberto Benigni.

No jantar, onde se encontravam Bruno, seu pai Ralf, mãe, seu avô Mathias, Kotler, Gretel, Maria e Pavel, o menino tem uma experiência ruim, que o afeta emocionalmente. O judeu Pavel no momento em que estava servindo a bebida de Kotler acaba derramando o líquido na mesa, sendo o bastante para o soldado agredi-lo. A mãe começa a chorar, pedindo para o marido solicitar do soldado que parasse, mas ele não atende. Bruno fica horrorizado com a situação, e passa a ter uma má impressão do pai. A má impressão que o pai causou no menino, foi estampada na cena onde conversa com Shmuel. Ele pergunta ao menino judeu sobre seus sentimentos em relação ao pai, e Shmuel responde que sentia muito orgulho do pai por ser bom. O menino judeu também indaga se Bruno sentia orgulho do pai soldado, mas ele fica retraído, e de imediato muda de assunto.

Antes do final do filme, dito como o grande momento, Bruno tem uma conversa sobre o documentário que havia visto de uma pequena janela que dava acesso aos acontecimentos do escritório do pai. Neste documentário que os oficiais alemães assistiam, passava uma imagem positiva do campo de concentração, caracterizando o ambiente como saudável, com espaços de lazer e farta comida. Óbvio que Shmuel desmente o documentário, que seria uma espécie de material para posterior divulgação, passando uma imagem positiva dos campos de concentração para os espectadores. O vídeo acaba passando a mensagem da superioridade alemã, que implicitamente informa a todos que mesmo desprezando seus inimigos, os respeitam como são, dando aos mesmos condições honestas de sobrevivência. Como sabemos, os campos de concentração vão de encontro a tudo o que os direitos humanos defendem⁴.

Um dia antes de serem levados à câmara de gás, Shmuel comunica ao amigo que o pai havia sido convocado para um serviço diferente, mas ainda não havia aparecido. Como forma de reparar o erro cometido e que ocasionou a agressão de Kotler ao menino judeu, Bruno fala que o ajudaria a encontrar o pai, e marcam o evento para o dia seguinte. Conforme combinado, Bruno comparece ao encontro, troca de roupa e começa a cavar um buraco que o permite atravessar a cerca elétrica. Na busca pelo pai de Shmuel, eles acabam sendo surpreendidos pelos soldados alemães que haviam iniciado o processo de condução de alguns judeus à câmara de gás. Por ironia do destino, Bruno teve a ideia de procurar o pai de Shmuel no dia, hora e local errado, resultando na sua ida junto aos judeus, inclusive Shmuel, para o ninho da morte: a câmara de gás alemã.

⁴ Ver discussão em PERAZZO, Priscila Ferreira. Prisioneiros, direitos e guerra no Brasil de Vargas (1942-1945). Revista Esboços, Santana Catarina, vol. 16, n. 22, p. 41-47, 2009. Ver também livro oriundo de sua tese de doutorado pela Universidade de São Paulo (USP) intitulada "Prisioneiros de Guerra: os 'súditos do eixo' nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)" e publicada pela editora Humanitas do Estado de São Paulo, em 2009.

O menino do pijama listrado, de fato, representa uma história importante para pensarmos no cotidiano da infância no contexto da guerra. Entretanto, várias facetas sobre o contexto alemão nos são apresentadas, como os elementos quase imperceptíveis que aparecem sobre a sociedade alemã que não foi, por completo, conivente com a política totalitária e fascista de Adolf Hitler⁵. Nathalie, a avó de Bruno, no dia da promoção de Ralf, seu filho, deixou transparecer o inconformismo com a nova função do filho no campo de concentração. No dia do seu enterro, a mãe de Bruno tentou tirar da lápide da sogra uma carta de pesar de Hitler, alegando que ela não gostaria de tal documento em sua lápide, mas foi impedida pelo marido afirmando que o Hitler assim desejava. Em outra instância, em vários momentos da festa de posse do filho, a mãe do militar demonstrou insatisfação com as conversas a respeito do regime, e se questionou se a postura e cargo do filho não teria sido sua culpa levando em consideração que o estimulou, quando criança, a usar roupas de militares. No final da conversa, questiona: "Ainda o faz se sentir especial, (...) querido, o uniforme, e o que ele representa?", sendo em seguida repreendida por Mathias, seu marido e pai de Ralf. Neste sentido, o filme tendeu ao mesmo tempo a apresentar pessoas que foram opositoras ao regime nazista, desmistificando a ideia de que nem todos os alemães foram coniventes com Hitler, embora Michel Foucault, tenha afirmado em *A microfísica do poder* que "é preciso ouvir a exclamação do Reich: não, as massas não foram enganadas, em determinado momento elas efetivamente desejaram o fascismo"⁶.

⁵ Ver perspectiva um pouco parecida em Operação Valquíria, onde a oposição não parte da sociedade civil como em *O menino do pijama listrado*, e sim, dos próprios militares alemães.

⁶FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1975, p.76.